

Este país é para todos. Novos e mais velhos estão cá para contar como resistiram à crise

mais

Quisemos saber como as diferentes gerações viveram a crise, como esta lhes alterou a vida e os sonhos, e que perspetivas têm agora para o seu futuro e o do país. O desalento de não verem luz ao fundo do túnel é comum a todos eles independentemente da idade.

Texto: Eduarda Frommhold

“Que país é este que deixa sair os seus melhores jovens, muitos deles para não mais voltarem? Que futuro pode ter?” João, 45 anos, profissional do ramo automóvel, não consegue calar a sua revolta. Mesmo não tendo sido tocado pelo fantasma do desemprego, confessa que só não emigra também porque tem dois filhos adolescentes, que não quer sujeitar a mudança de escola, de idioma e de hábitos numa “idade complicada”. Mas está preparado para vê-los partir – e até os incentivar a isso – quando chegarem à idade adulta, porque não tem mais esperança num futuro em Portugal “com um mínimo de condições”.

“Caímos numa espiral de que vai ser muito difícil sair. Pelo menos enquanto eu for vivo, ou mesmo na vida dos meus filhos e netos.” O desalento de João é tanto que a princípio nem queria participar desta reportagem: “De que adianta falar? Está tudo aí à vista... Os mais velhos deixados à sua sorte e os mais novos a terem de passar a fronteira para conseguir trabalho e um salário que lhes permita viver com dignidade. É o fim de um país que já foi glorioso.”

O sentimento de João não é diferente do dos outros portugueses que o Dinheiro Vivo entrevistou. Nesta reportagem queríamos saber como as diferentes gerações de portugueses viveram a crise, como esta lhes alterou a vida e os sonhos, e que perspetivas têm agora para o seu futuro e o do país. Independen-

temente da idade e do modo como a crise os atingiu nos últimos três anos, o desalento de não verem uma luz ao fundo do túnel é comum a todos eles.

A exceção de Telmo, 36 anos, designer gráfico, um dos muitos que com a crise tiveram de reinventar-se e que acredita que o país “não demorará muito” a dar a volta, todos os outros não veem que possa haver alterações significativas num horizonte próximo, apontando para 25 anos ou mais para que Portugal possa reerguer-se, mas sem voltar ao que era até há poucos anos.

Duas ou três gerações para recuperar

A mesma visão é partilhada pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que pensa que “o que se fez em quatro anos pode levar duas ou três gerações a recuperar, mesmo com as políticas certas”. O diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra considera que os portugueses têm estado a passar por um tsunami. “Assistimos a uma alteração das expectativas – justificadas, aliás – que os portugueses tinham até recentemente sobre a melhoria das suas condições de vida e o seu novo estatuto europeu de pleno direito. Tudo isso se transformou nos últimos tempos”, sublinha.

Acredita também que os mais novos e os mais velhos foram as gerações mais atingidas, o que atribui às políticas seguidas, que na sua opinião tiveram dois objetivos gerais:

“A demonização dos pensionistas, que viram roubada parte da pensão para que trabalhassem toda a vida e sobre a qual tinham direito de propriedade, e a estigmatização dos mais jovens, não só através do aumento do desemprego, mas também de frases que ficarão para a história da política conservadora destes anos, como o incitamento do primeiro-ministro para emigrarem.”

E está pessimista. Nota que Portugal é o país em que os sinais da crise são mais profundos. “Mesmo a Grécia começa a levantar a cabeça, a Espanha também. Penso que mais tarde ou mais cedo acontecerá em Portugal, mas devido a uma confluência entre a chamada *troika* e um governo extremamente conservador, recebemos a receita mais dura, mais drástica e mais destrutiva de toda a Europa”, considera, acrescentando que “vai ser muito difícil recuperar, sobretudo porque somos um país em perda de população, justamente aquela que poderia conduzir a uma transformação positiva da sociedade portuguesa”.

Com a ajuda da Europa, Portugal pode crescer

Já o economista Francisco Madelino defende que “é necessário calibrar as expectativas – que antes da crise estavam sobreinflacionadas e agora estão muito deflacionadas – porque não há crise que sempre dure”. O ex-presidente do IIEFP classifica de “derrotista” e até mesmo “irrealista” a falta de esperança numa saída

da crise. “As crises terão de ter sempre uma solução. Acho que há algumas novidades em termos europeus, a situação hoje já não é como há dois ou três anos e há que ter a convicção de que um dia temos de sair desta crise”, afirma. E acredita que, com uma ajuda da Europa, isso possa não estar tão longe.

“Se houver uma solução que não exija uma austeridade extremamente recessiva, basta a Europa crescer um pouco para que Portugal cresça, e isso pode acontecer dentro de um ano, um ano e meio. O que demorará muitos anos é que Portugal tenha a população qualificada, não apenas escolarmente, mas com experiência de trabalho igual à que os europeus tiveram”, alerta, lembrando que “países como Portugal, que partem com atraso e que ainda por cima estão nas periferias, precisam sempre de ter alguma discriminação positiva em termos europeus, isto é, ter algum apoio”.

O professor do ISCTE deixa tam-

bém um recado para os jovens que se perguntam se vale a pena investir num curso superior: “Vale, porque os empregos que estão lá fora são empregos qualificados e os que vão nascer cá dentro também serão empregos mais qualificados. No dia em que o PIB crescer mais do que 1,5% ou 2% e houver mais oportunidades de emprego, o drama não são os jovens qualificados, o drama são aqueles que têm qualificações baixas, que dificilmente voltarão a ter emprego. Se um jovem se deixar cair na situação de não qualificado fica completamente arredado.”

Mais do que terem de penar muito para arranjar um emprego, é a falta de perspetivas num futuro melhor a curto prazo em Portugal que leva muitos jovens a emigrar. Nos últimos três anos saíram do país mais de 350 mil portugueses, um terço dos quais jovens, muitos deles qualificados.

Os estoicos que ficaram tiveram, se desempregados, de contar com a ajuda da família. Os que tiveram a sorte de ainda ter emprego viram os rendimentos dos salários, o mesmo se aplicando às pensões, diminuir por via de cortes diretos ou do aumento de impostos. Uns e outros viram a qualidade de vida degradar-se e os sonhos desvanecerem-se. E, para a esmagadora maioria, a crença num Portugal melhor ainda durante a sua vida é agora inexistente. Seguem-se as histórias de portugueses e de como resistiram a estes três anos de crise económica e social,

350

MIL
Nos últimos três anos, mais de 350 mil portugueses emigraram, um terço dos quais jovens, muitos deles qualificados.